AMAR

SEVERINO RODRIGUES

ILUSTRAÇÕES DE

LAERTE SILVINO

SABERES E LETRAS

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rodrigues, Severino

Amar / Severino Rodrigues ; ilustrações de Laerte Silvino. -- São Paulo : Saberes e Letras, 2021.

24 p. : il. (#veromundo)

ISBN 978-65-994144-2-8

1. Literatura infantojuvenil 2. Meio ambiente - Literatura infantojuvenil 3. Poluição - Literatura infantojuvenil I. Título II. Silvino, Laerte III. Série

21-0939 CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

1ª edição – 2021

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Andréia Schweitzer*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ana Cecilia Mari*

Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*

Produção de arte: *Telma Custódio*

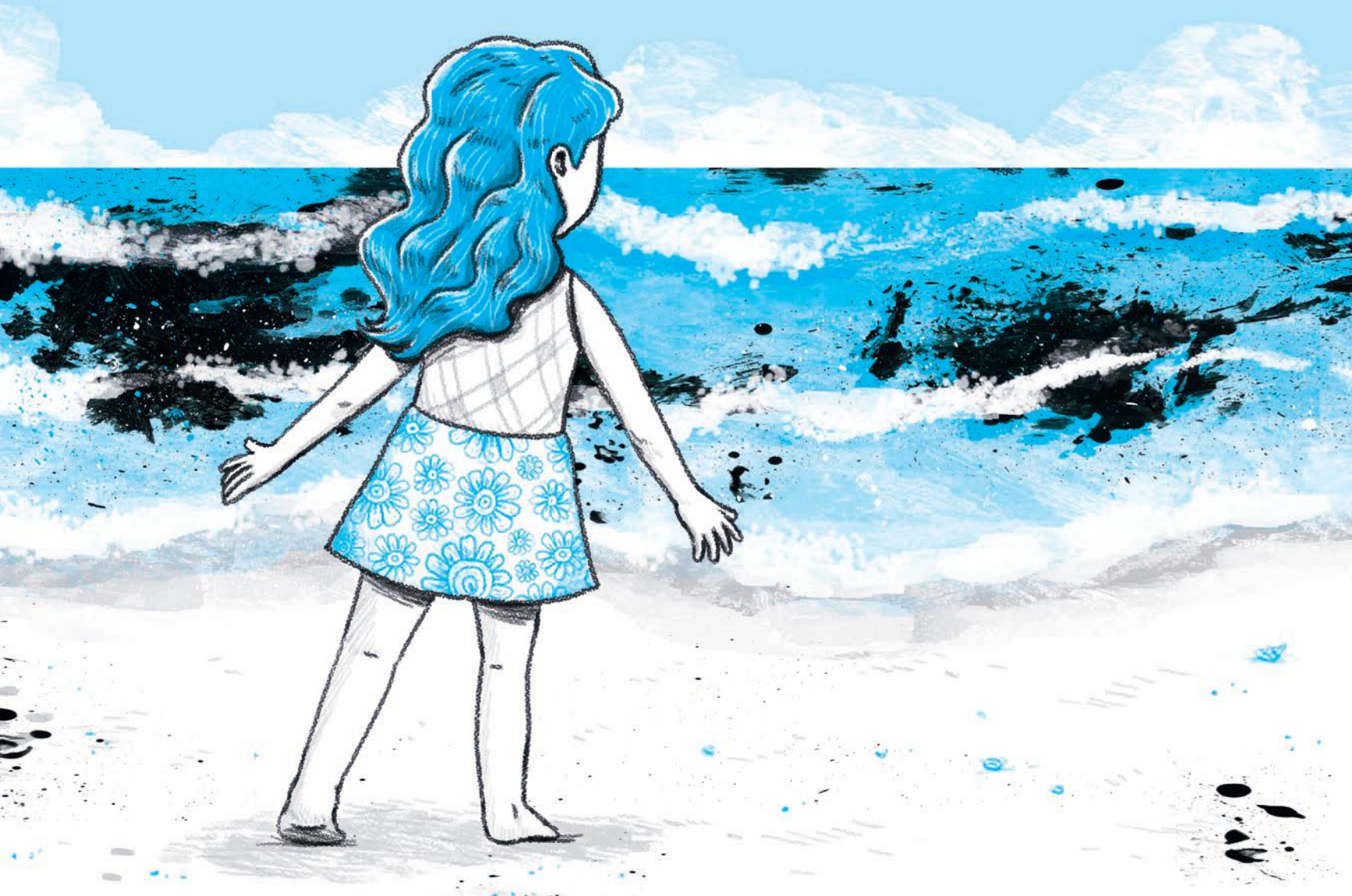
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

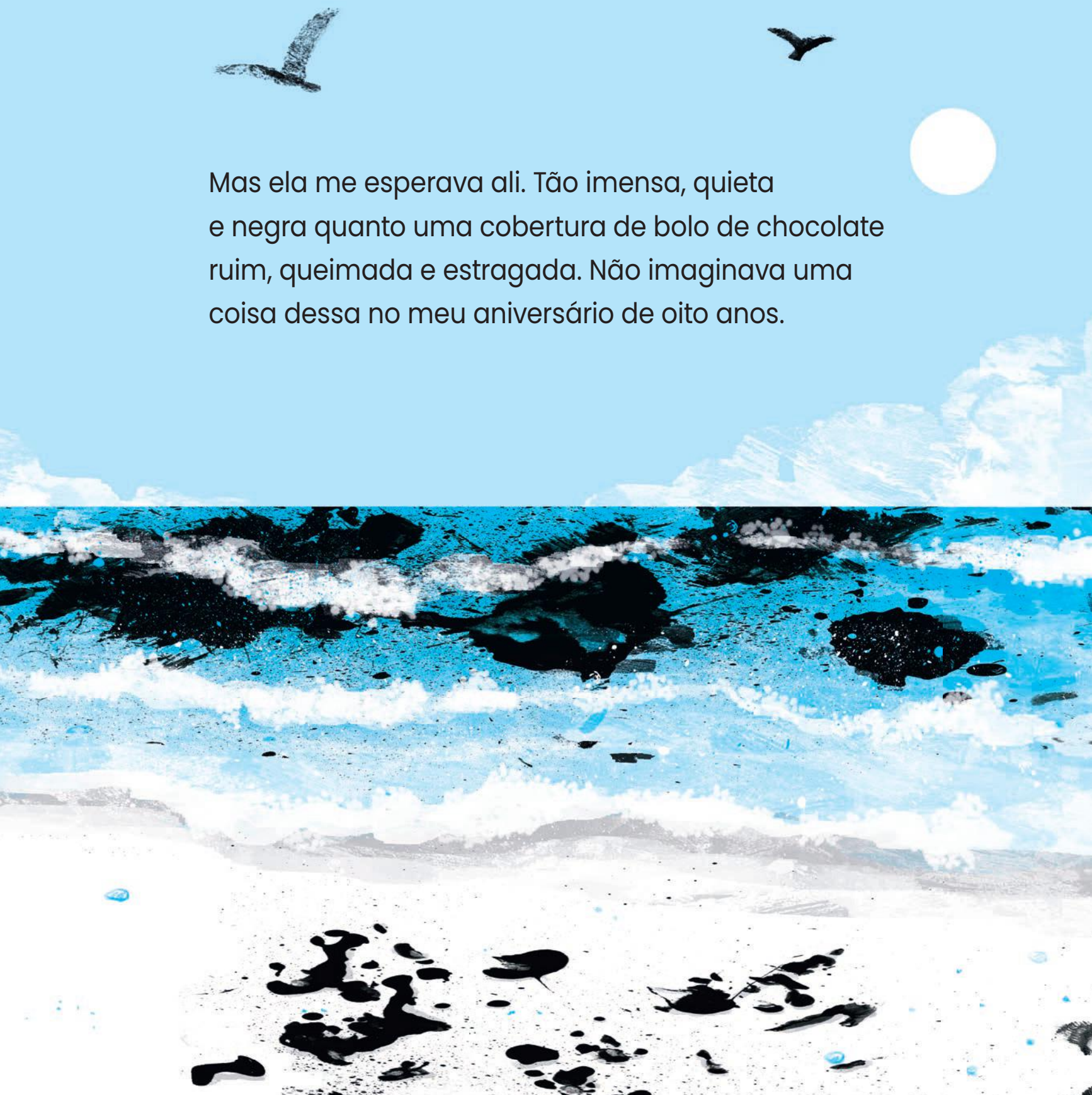
Saberes e Letras
Rua Botucatu, 171 – Vila Clementino
04023-060 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3575
http://www.sabereseletras.com.br – editora@sabereseletras.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Instituto Alberione – São Paulo, 2021

Meu nome é AMAR.

E assim que desci do carro, corri entre risadas e tropeços para a praia.
Foi quando vi a mancha. Ela não estava nos meus planos.
Muito menos nos meus sonhos.





Mas ela me esperava ali. Tão imensa, quieta e negra quanto uma cobertura de bolo de chocolate ruim, queimada e estragada. Não imaginava uma coisa dessa no meu aniversário de oito anos.

Quis tocar com o dedo do pé. Mas a mancha virou onda
e veio me agarrar. Sorte que fui pescada pelos braços do meu pai
enquanto a estranha criatura voltava a ser mar.

Era uma mancha enorme, a se perder de vista.

A mancha era medo.

E trauma.

Sob os coqueiros das barracas, os adultos discutiam sem entender o que viam, mas queriam resolver e descobrir o culpado. E eu olhava para eles e depois para a água. Diziam que não era a primeira vez que aquilo acontecia e, provavelmente, ainda não seria a última.

Então, as pessoas pararam de falar e começaram a trabalhar. Eu quis ajudar, mas, como se suas mãos fossem tentáculos de um polvo, minha mãe me segurou.

– É perigoso – ela falou.

Com o queixo, ela apontou uma ave com a pata presa na lama escura e grudenta, como se estivesse num pântano sombrio de conto de fada. Um adolescente a ajudou a se soltar.

Chegaram mais e mais pessoas. A tevê, o rádio e a internet apareceram. Carros, câmeras, correria. Parecia festa, mas não era. Muitas perguntas e poucas respostas.

Nas palavras que saltavam de boca em boca apenas sabiam quem era inocente. Quase nome de homem:

– O mar.